

# ENDO

## Associação dos Deficientes das Forças Armadas

PROPRIEDADE ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO

Associação dos Deficientes das Forças Armadas  
Palácio da Independência - Largo de S. Domingos - Lisboa - Telef. 36 21 67  
Director Interino - António G. Calvino

Comp. e Imp.

Tip. Escola da A. D. F. A.  
Rua Artilharia Um — LISBOA

## EDITORIAL

Nove meses são passados após o 25 de Abril. Nove meses de frutíferos esforços dos trabalhadores e classes exploradas para derrubarem as estruturas que teimam resistir ao espírito revolucionário e de libertação do Povo Português. As revoluções não se fazem num dia. Acabamos de provar que são necessários mais que nove meses, pois, não obstante todo um esforço gigantesco das massas progressistas, estamos ainda longe de atingir o auge dos objectivos a que nos propusémos. As transformações mentais são lentas e, quando exigidas precipitadamente, podem levar ao inverso do efeito pretendido.

Para um povo, como o português, que viciado na miséria que o envolvia, tinha os olhos postos no senhor bom e rico da terra para o bafejar com a sua benevolência momentânea, o tempo desempenha um papel importante no processo revolucionário. Não é em dias, nem em poucos meses que se convence os contemplados com as sobras dos benfeitores que as rédeas do futuro estão nas suas mãos e que dentro de si existe a determinação e a força suficiente para conduzir os seus próprios destinos.

Assim, fechar uma revolução antes que este despertar tenha lugar, é nada mais nada menos que negar o direito de também serem revolucionários aqueles que, mercê das circunstâncias, não conseguiram sê-lo a seu tempo. Se a revolução é portuguesa, terá forçosamente que ser para todos. São vários os sectores da população que se podem considerar, em termos de revolução, retardatários. Entre eles, e em elevadíssimo número, encontram-se os deficientes físicos ou psíquicos. Habitados, viciados mesmo, a uma posição inferior na sociedade, rodeados de carências múltiplas e com os mais elementares direitos cerceados, tínhamos os olhos postos nos outros para a resolução dos seus problemas. Outros esses que, muito oportunamente, se aproveitavam deles para se elevarem e salientarem ao mesmo tempo que, conseqüentemente, humilhavam os primeiros, destruindo-os sistematicamente. Claro que a esperança nunca se extingue totalmente do íntimo do ser humano, mesmo do mais desgraçado, e, para o sector em causa, ela ravigou-se no 25 de Abril, voltando talvez a esmorecer à medida que o MFA se revelou como uma entidade que de facto nem tudo resolveu de imediato e radicalmente.

O MFA não fez só uma revolução para o Povo, propôs-se sobretudo fazê-la com o Povo. Ela terá que ser levada a cabo com todo o

Continua na pág. 2

## DESPORTO

### Com 'D' de DEMOCRACIA

Temos vindo a assistir a uma democratização progressiva em diversos sectores da vida Nacional, em cumprimento do preceituado no

E a quem servia este estado de coisas? Ao capitalismo e aos seus mandatários — o Governo fascista. Conseguiram assim, alienar as ma-



O resultado de uma alienação de que o Desporto foi vítima

programa do M. F. A.. Parece ter chegado finalmente a vez do desporto, porquanto a Direcção Geral dos Desportos pretende, ao organizar o ENDO, promover o debate público sobre uma indispensável nova definição de desporto.

A A. D. F. A., que sempre tem estado ao lado das forças verdadeiramente progressistas na luta contra o capital, irá apontar — durante os próximos números — os caminhos que julga a todos interessar, e desmascarar as manobras de que o capitalismo se servia (e serve!), também neste sector, para exploração do povo português.

### FUTEBOL, INDÚSTRIA EXPLORAÇÃO

O desporto é uma das peças insubstituíveis da sua máquina opressão-exploração. Com ele — como actualmente ainda está estruturado — consegue abarrotar de notas os seus já cheios bolsos. Se não vejamos, como exemplo, o futebol, o chamado «desporto» das multidões. Não é este um dos espectáculos mais caros? Não é o estádio o recinto que, em piores condições (sol, chuva e frio), maior número de espectadores alberga? Justificar-se-á tantos pagarem tanto? Como se poderá chamar «desporto das multidões» quando estas, em Portugal, nunca o praticaram? Nem, na verdade, o viam! O que viam era uma indústria exploradora, uma fábrica em laboração repressiva, não um desporto. O desporto não se vê, pratica-se!

sas tirando-lhes a capacidade de realmente se interessarem pelos verdadeiros problemas nacionais, oferecendo-lhes esse «desporto» para escape das suas legítimas tensões psicológicas e da sua justa revolta contra uma situação que lhes era imposta. Enquanto se pen-

sava no jogo que o Cascalheira-de-Cima ia protestar, ou no caso do chi-chi feito fora do frasco, não se pensaria concerteza no problema colonial ou na repressão sobre o operariado — e assim os «senhores» iam recebendo mais café e pagando menores salários.

Estamos a lembrar-nos precisamente do muito falado caso do doping de Joaquim Agostinho, ocorrido no Verão de 1973. Que necessidade teria tido ele para drogar-se numa altura em que o primeiro lugar na volta lhe está praticamente assegurado? Não poderia a metil-anfetamina ter-lhe sido dada a ingerir sem o seu conhecimento? Não poderia ter sido essa uma manobra do governo marcelista para desviar as atenções do Povo Português do massacre de Wyriamu, sobre o qual incidiam as atenções internacionais?...

O certo é que o caso do ciclista Agostinho nunca chegou a ser devidamente esclarecido.

E AS OUTRAS MODALIDADES?

Poderão algumas pessoas objectar que, o que foi dito em relação ao futebol, não abrange os outros sectores desportivos, até porque era às receitas da actividade futebolística que muitos clubes recor-

Continua na pág. 2

## Sessão de Esclarecimento e Consciencialização

### MFA, POVO

No dia 31 de Janeiro vamos, decididamente, como aliás sempre o temos feito, sem vacilações, contactar, em público, com a população que à nossa luta está ligada ou a ela se quer ligar, com forças progressistas e com outras que potencialmente são também progressistas mas ainda não passaram à aplicação prática.

É especialmente para os deficientes civis que a nossa atenção será dirigida. Neles queremos concentrar o nosso esforço, a fim de neles fazer acordar a voz oprimida e que será, tal como aconteceu conosco, uma voz revolucionária ao serviço da liberdade. As palavras de ordem que junto deles queremos levar são, além de outras, de «participação e utilidade». Temos já a certeza que elas terão a magia de transformar esses que a sociedade considerava farrapos humanos em

Continua na pág. 2



POVO, MFA

campanha de dinamização cultural

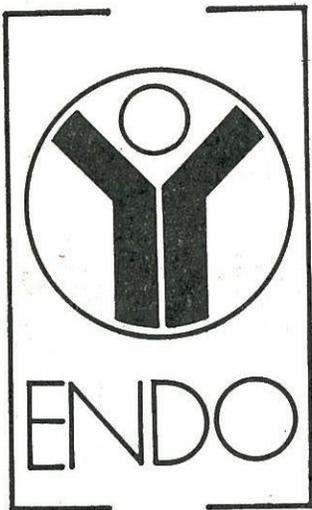
# Desporto

Continuação da pág.1

riam para sustentar outras modalidades. Não perfilhamos tal opinião. Basta que analisemos (mesmo que superficialmente) os factos, para podermos concluir precisamente o contrário. O sistema impedia a livre prática desportiva, fechando as portas à população—excepção feita aos «bons», aos que poderiam vir a ser mais uma peça da máquina que pretendiam conservar afinada. Esta situação, se não servia o País e os seus reais interesses, porque era mantida? Muito simplesmente para, como forma publicitária, chamar mais sócios aos clubes e mais adeptos aos frios degraus de pedra. Portanto, ao invés do futebol ser subsidiário das outras modalidades, como algumas pessoas poderiam querer defender, verifica-se que estas é que são um dos sustentáculos daquele e consequentemente dos seus nefastos efeitos.

(Devemos, porém, abrir estes parêntesis para referir, com toda a justiça, que clubes desportivos e/ou recreativos houve, que praticaram verdadeiramente desporto em toda a sua amplitude sócio-cultural, apesar das constantes dificuldades que se lhes deparavam e do quase nulo apoio governamental que recebiam).

Dizia-se atrás que ao povo era negada a prática desportiva. Dizemos agora que ao deficiente, como parte integrante desse povo, essa mesma prática também não lhe era facultada. Mas realcemos o abandono a que o deficiente era votado, a marginalização a que era obrigado—também neste sector! Por ora basta (para já não falarmos nos grandiosos estádios) que nos recordemos dos poucos pavilhões gimnodesportivos que tão mal semeados foram por este país. Foram, porventura, construídos pensando também no deficiente? Até que ponto lhes facultam o acesso e a utilização? Onde estão os técnicos que o podem iniciar ou reins-tituir em determinada modalidade? E, se os houvesse, quais os meios que poderiam utilizar?...



Pretende a Comissão Executiva do ENDO (Encontro Nacional do Desporto) que todos participem numa ampla discussão em redor de uma nova concepção de desporto. Pretendendo o ELO contribuir para essa democratização, ao continuar por algum tempo esta rubrica, está, desde já, ao dispor dos seus leitores que nestas colunas queiram expressar o seu ponto de vista.

A A. D. F. A., neste primeiro artigo ao fazer uma rápida análise, do desporto que o regime fascista nos legou, não quis mais senão mostrar o tipo de desporto que não lhe interessa.

# REABILITAÇÃO

## via para a reintegração

Na sociedade contemporânea o homem não pode, de maneira nenhuma, prescindir da estreita cooperação do outro homem para uma evolução harmoniosa. É certo que se encontram casos isolados em que uma férrea força de vontade consegue por vezes operar maravilhas e indivíduos há que, só por si, levam à frente realizações dificilmente operadas pelas instituições para esse fim preparadas. Aliás, os grandes inventos resultam sempre da capacidade individual, tendo depois necessariamente o seu desenvolvimento no trabalho dos grupos organizados.

No Portugal fascista, das duas uma, ou se confiava que todas as pessoas afectadas por deficiências físicas ou psíquicas pertenciam a essa espécie rara de seres superiores com toda a capacidade para se auto-reabilitarem, ou então eram considerados seres comuns e eram votados ao abandono, também comum.

Claro que a segunda hipótese é que é a real. As pessoas eram arreadas para o lado e, numa frustração sequente, transformadas em peso morto para a Nação.

Esse dito peso morto tem sido de tal maneira aproveitado em alguns países que, o que a nós só nos trazia encargos, para eles passou a ser uma força de produção. Isto é, um deficiente pode ser, tal como um não deficiente, útil à comunidade, bastando para isso que ele seja reabilitado e colocado no trabalho.

A Reabilitação implica complexos centros e um conjunto de técnicos actualizados, o que se traduzia em atenção e dedicação ao problema em causa por parte das entidades governamentais, já que delas, e só delas, dependia o estudo, decisão e execução. Ora esses governantes do conforto, seu e não dos governados, resolviam tapar os olhos aos Portugueses com obras de fachada. Criavam centros de reabilitação imponentes, com óptimo aspecto exterior, mas por dentro mal apetrechados e pouco funcionais. Estes centros, para inglês ver, apareciam isoladamente, pertencendo cada qual à sua instituição, governamental ou privada, não existindo entre eles uma ligação funcional, antes se digladiando e desenvolvendo uma rivalidade inacreditável que a todos os níveis era prejudicial.

A estreita ligação que deveria existir entre os serviços de reabilitação de deficientes, os serviços de emprego e o mercado de trabalho era também de uma rivalidade e de uma confusão terríveis.

Pessoas há, agora, que francamente dizem que no que respeita a reabilitação nada existia em Portugal. Usam de uma franqueza que, de facto, toca a realidade. Melhor é partir desse princípio e iniciar um trabalho de base.

Para a maioria dos deficientes das Forças Armadas tudo acabava

após um mau tratamento clínico e uma péssima adaptação de próteses e ortóteses. Se alguns eram contemplados com uma reabilitação médica, o processo de reabilitação, que deve ter uma sequência, era totalmente bloqueado, sendo a fase seguinte e última o envio do deficiente para casa, sem o mínimo de preparação nem condições para viver numa sociedade que, por ignorância e falta também de preparação, se negava a aceitá-lo e reconhecê-lo como de alguma utilidade.

A reabilitação profissional era, assim, o grande espinho da questão. Os poucos e mal organizados centros de reabilitação profissional que por aí existem estão tão deslocados perante a realidade sócio-profissional que, ironicamente, os poucos que existem não têm deficientes para reabilitarem. Por um lado as profissões são antigas e desactualizadas, não havendo uma absorção dos reabilitados no trabalho, por outro a falta de ligação entre os centros e o mercado de trabalho é tão ineficiente ou nula que o deficiente reabilitado acaba por não conseguir emprego.

No que respeita aos Deficientes das Forças Armadas, esta última questão não se chegava a pôr. Por regra não se fazia a reabilitação profissional e o caso estava arrumado. Lá estavam as Senhoras da Cruz Vermelha e todos nós sabemos o que elas faziam na falta disso.

A política de reabilitação a seguir não poderá deixar de ser a nível Nacional. Terá que ser coordenada por um órgão governamental que, bem se justifica, será, neste caso, uma Secretaria de Estado. Em termos democráticos, partindo das bases, portanto directamente da vontade dos interessados, essa política deverá ser traçada pelos próprios deficientes.

Nós, Deficientes das Forças Armadas, a nível de Associação, encontramos-nos empenhados, desde início, no equacionamento do problema da reabilitação e na passagem, o mais rápido possível, à execução prática. Estamos ainda na fase de estruturação teórica, mas prontos a entrar, de imediato, na prática. Não queríamos, contudo, cometer o erro de nos isolarmos, criando estruturas e métodos à parte, separando-nos assim do todo nacional. Urge que os deficientes, que não são das Forças Armadas, nos acompanhem nesta iniciativa, de modo a não haver, mais tarde, um desencontro. Avançar por partes isoladamente, pode conduzir a erros que não queremos, de forma nenhuma cometer.

Pela nossa parte, encontramos-nos neste momento empenhados em criar, em local para o efeito já designado um complexo de assistência aos deficientes das Forças Armadas que, por si, resolva totalmente alguns problemas de reabilitação e reintegração e, sobretudo, sirva de centro coordenador para todas as actividades de reabilitação em todo o País.

# Editorial

Continuação da pág.1

Povo, terá que ser uma frente homogénea, sem falhas nem lacunas. Só então, depois de levada essa frente ao seu termo, poderemos afirmar que, todos juntos, nos libertámos a nós próprios, que recuperámos a autoconfiança que por direito natural nos é devida e estamos finalmente preparados para sermos obreiros do nosso futuro.

As centenas de milhares de pessoas que em Portugal, por motivos vários, ficaram deficientes devem, porque podem, desempenhar um dos mais fundamentais papéis revolucionários e de libertação. Desempenhá-lo-ão. Nós, Deficientes das Forças Armadas, garantimo-lo.

O processo por nós desencadeado é irreversível. A nossa luta será incansável e sem tréguas, só parando depois de se terem transformado nos mais fortes revolucionários aqueles que inconscientemente contribuíam para alimentar a monstruosa sociedade reacionária.

## Sessão de Esclarecimento e Consciencialização

Continuação da pág.1

orgulhosos seres da sua condição de portugueses tão dignos como os outros e precisamente iguais aos outros. Queremos, todos juntos, solenemente, estabelecer o princípio de igualdade entre os homens. Arrancaremos, pois, com a firme certeza, por nós adquirida, e não esmolada, que as deficiências físicas ou psíquicas vão deixar de ser motivo de alienação ou segregação humana.

A revolução implica a libertação, a todos os níveis, dos oprimidos pela burguesia e pelo capitalismo. E a revolução há-de chegar ao seu pleno auge. Todos unidos, sem divisões forjadas e com segundas intenções, venceremos.

Aos órgãos de informação e às forças progressistas enviámos o seguinte comunicado:

## CAMARADAS

No próximo dia 31 de Janeiro, pelas 21 h., vai esta Associação promover uma sessão de esclarecimento e consciencialização no Pavilhão dos Desportos.

Nesta sessão intervirão membros do M.F.A. (Comissões Coordenadora e dinamizadora Central).

Pretendemos com esta realização, para além de despertar para a vida produtiva os milhares de deficientes civis e militares que até aqui apenas conheceram a esmola como meio de subsistência, consciencializar toda a População Trabalhadora para as reais capacidades do Deficiente.

Entendemos que, só quando o Povo for senhor dos seus destinos, poderá haver uma perfeita reintegração dos marginalizados.

Estamos certos que, no momento político que atravessamos e dada a orientação dos trabalhos com base na destruição dos redutos fascistas que ainda nos ameaçam, esta sessão poderá ser um passo em frente pela conquista das liberdades do Povo.

Desde já contamos com o vosso apoio para a divulgação da sessão que queremos venha a ser uma autêntica jornada de união entre todas as Forças Progressistas.

N.R. — Neste número transcrevemos algumas cartas enviadas por um jovem aos seus amigos durante o cumprimento do seu serviço militar obrigatório. Falecido em Nampula, por motivo do referido serviço, retratam as suas mensagens a revolta da sua participação numa guerra inútil e sem nexos.

Inconformismo, perseverança, mutilações, mortes. O despertar de consciências. O principal fermento duma revolução a que alguns chamaram «a dos cravos vermelhos».

## CARTAS DO LIVRO POESIAS E CARTAS

«JOSÉ BAÇÃO LEAL»

Aproveito um intervalo para te anunciar que estarei em Lisboa antes da tua próxima partida para o Norte, o verdadeiro, claro. Afinal, esta história ocupa três semanas, em vez das quatro, que, inicialmente, supus. Apenas dois dias passados e já não posso sonhar-me aqui por mais tempo.

É que não ficámos instalados em Lamego: numa carreira de tiro do quartel a cerca de quatro quilómetros improvisaram uma caserna, e aí nos despejaram sem pronunciarem latido. Como cães, de cães mestres, positivamente. Assim, ainda não fomos à cidade; ainda não soubemos o que é passear em liberdade, sem cornetas pretensivas, sem ordens vazias. E ao que corre não gozaremos fins de semana, para a morte possível ser mais triunfal. Perante este quadro grosseiro que, contrariado, esboço, somente o silêncio me parece adequado. Sabes: o Porto, de certa maneira, encantou-me. Francamente cidade, no meu conceito, espelha todo o brando mistério das coisas tristes. Possui um não sei quê de universal que, Lisboa, não consegue sugerir. As ruas duma determinada zona apaixonaram-me. À beira-rio, meditei dolorosamente no meu destino de estrangeiro em bano amigo.

Não ignoras onde desaguam as meditações nocturnas: sobretudo, quando o desespero nos inspira. Fiquei possesso de sombras abúlicas, como se um bando de pássaros de areia se dispersasse no meu cérebro. E depois custa esperar um combóio cujo rumo nos afoga; um transporte sem propósito, claramente à margem dos nossos desígnios. Contudo, será assim, faltou-me a coragem para não ser.

Hoje acredito que temos sempre um destino em qualquer parte, e que o importante é localizá-lo, ainda que submersos num rio de meios-destinos. E dizer destino é um pouco, antes, é também dizer solução. Destino; solução, é vital esta mistura! Reflectindo, retire-me. Tudo o que posso afirmar, vem de algo dúctil, algo que só utilizamos quando o medo ou a decepção nos envolvem. Se me quiseres escrever eis o endereço: Asp. of. mil... Leal,

C.I.O.E. (Rangers) — Lamego

ao Francisco

Fev.-1964

Lamego

Intamuene: (quer dizer amigo no dialecto local)

Mais ou menos sereno, menos ou mais ausente estou de serviço — oficial de dia ao aquartelamento. Recebi pela manhã a tua primeira carta e primeira também dum amigo. Realmente, não sei se abúlia ou esquecimento é fraça a memória da europa, muito fraca. Chegámos ao alto Molocué há uma semana, semana que decorreu longe da memória. Afinal isto não é um planalto, mas, de qualquer forma, tentarei «a casa de madeira»... Há portanto uma semana que me despedi do António Manuel V.. Inútil dizer que foi difícil, inútil. Uma baía espantosa foi o cenário (o porto de Nacala). Em suma: despedimo-nos como pessoas que se odeiam pouco. Espero carta dele breve. Já deve ter entrado em combate a estas horas — o capim inicia a sua viagem verde através da raiva... aqui, a escassos kms d'aquí (alto Molocué). Aí deve-se ignorar o que se passa. Lógico: Evitar o pânico, morreremos todos sem pânico... (c'est si bon de morrer sem pânico) Teshs... Teshs on s'emmerde? Creio que já te disse, em Luanda abracei e almocei com o Zé Mário. Luanda é uma autêntica «República do Silêncio», segundo terminologia Sartreana. E a propósito J. P. Sartre recebeu ou não o Nobel da Literatura?

Mas regressando ao Alto Molocué, trata-se duma espécie de povoação onde meia dúzia de brancos exploram muitas centenas de negros. De resto, talvez não saibas que se atribuissem a invenção da ternura ou da inocência a uma raça só um cego voluntário não a atribuiria à raça negra. Esclareço: ainda não percebi, não constatei em nenhuma criança branca a ternura e a inocência que diariamente constato no doloroso, antigo olhar das crianças negras que me cruzam. Elas param à minha passagem (não minha de alferes ou senhor, mas de branco) e dizem usando uma voz que vem do coração dos séculos: «bom - dia - mê u alfé». Aprendo que nunca fui criança, vivi uma infância manchada de egoísmo. Vivemos, nós-os-apesar-de-tudo-eleitos. É que o estômago dilatado duma criança magríssima, os muitos estômagos dilatados de muitas crianças negras são a fome, percebes: a Fome, não a fome em termos de comer pouco, mas em termos de não comer. Ontem, quando disse ao empregado negro que serve à mesa que tencionava provar um caldo de formigas com asas

(que ontem invadiram a povoação) ele olhou-me quase mansamente e objectou: «Nós é que comemos formigas. Você, não tem o costume». Pensei e respondi que os costumes mudam. Mas ele não quis entender... Kid: esta é uma das mais (delicadamente) vergonhosas experiências dum homem. Apetece-me ficar num canto chorando até ao bronze da última lágrima. Como militar nada posso elaborar de construtivo. E o pior: ainda faltam bastantes kms e eu já não tenho pés. Perdoa-me: mas as nossas angustiazinhas de europeus não justificam uma Angústia Maior, angústia que atravessa desordenadamente as picadas desta parcela africana.

Não posso, não quero, Recuso! as crianças magríssimas de estômago proeminente. Lembram espectros dos campos de concentração Nacional-Socialistas. São como punhais na carne da memória dos homens.

Ficas também a saber que as cartas são abertas. E que estou farto, farto, farto...

ao Francisco

26-Nov.-64

Alto Molocué

Escrevi-te ontem uma carta. Estou agora calmo, não completamente calmo, mas mais calmo.

Pela primeira vez, contei para aí a miséria que aqui vai neste comando de Batalhão. Para não te falar na perseguição que me movem os oficiais do quadro. Felizmente, não sabes o que é a selva, a selva humana, militar, com suas leis de arame farpado. Estou agora mais calmo. Estarei?

Vou também escrever ao Kid, a pedir-lhe, caso eu realmente perca a cabeça e parta o focinho dum capitão, que explique a meu pai que eu sou bom rapaz e só procuro ser digno...

VICTOR desculpa, pois o apelo. Mas aqui, no Alto Molocué, só consigo, melhor: já consigo conversar com os cães. Os homens não sei onde estão. Minto: sei, mas não digo!

ZÉ

P.S. Aguentarei dois anos tão desesperadamente calmo? De quando em vez faço-me esta pergunta. Depois, instalo-me num canto, convindo uma ou outra sombra que me reça a minha simpatia, e fico, mui-

to tempo, olhando nos olhos, sem espanto, a vida. Aconselho-te: como exercício é quase salutar. 1 abraço! (de novo, acusa recepção desta carta).

Viste «Os Guardas Chuvas...» do Sr. Demy. O Kid prefere andar à chuva e tu?

ao Victor

30-Jan.-65

Alto Molocué

EDUARDO :

Afogado na cinza de mais uma inóspita tarde, pergunto-me se brará disto tudo (ao menos) um esqueleto de sangue e álcool?

Jogo o meu poker solitário e absurdo (abro-me à carícia gelada da cerveja), meu poker com as feridas da memória.

Urge sem dúvida que abandone o NORTE e o seu coro de heróis podres.

Sei-me agora por demais estrangeiro entre as palavras. Se escrevo: Verão, sinto que sujo o Sol. É que não consigo lutar (não consigo mesmo) contra esta existência líquida de carácter atento (quem me impede de pedir outra cerveja?).

Já nenhum barco de papel resuscita o lago da infância. Por outro lado, custa aceitar-me condenado a boiar na sargeta. E já lá vão anos vários de sargeta, contra os quais apenas ergui um ou outro grito rápido e débil, um ou outro vômito inconsequente.

MERDE! contra esta cobarde aceitação das leis do abismo.

MERDE! contra a espúria indiferença, contra o silêncio imóvel. Quem acende no povo a bandeira de trigo?

O Tó Manuel já pede pouco: «Dêem-me uma alcova onde eu possa dormir e esquecer, e serei feliz».

Ao Sartre das «Mãos Sujas» oponho o sangue sujo, o suor do caos. Ridículo país sem homens que se alimenta na sombra de lágrimas inteligentes.

Despeço-me. Recebi a tua carta do dia 20 (aos amigos). Meu temporário S.P.M. 0194. Na inquietante impossibilidade de dialogar, de frequentar os outros, enlouqueço arduamente. Tropeço de raiva e tédio. Para quando Paris perto, ó mercenária distância?

1 abraço: ZÉ

3-Agosto-65

Nampula



# ACTIVIDADES DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

## SECÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Tendo já iniciado os cursos que esta secção em altura oportuna teve o cuidado de referir, esta não parou. E assim, no pretérito dia 20 de Fev. 75, esta deu início a mais um curso (Inglês). Mas não deixou, mesmo assim, de diligenciar junto do MEC. para que este fizesse algo de melhor no ensino a deficientes.

Já a Lei 6/71 previa e prevê ainda uma ampla integração social dos Deficientes.

Vendo bem, esta Lei nunca foi posta ao serviço dos deficientes, tal como não eram postas ao serviço do povo todas as Leis fabricadas com algum conteúdo positivo, mas com o fim único de fachada.

Após o 25 de Abril tal já não devia acontecer, mas o certo é que o novo MEC. pouco ou nada se tem preocupado em promover o ensino para deficientes.

A nossa Associação, consciente de que se deve avançar e nunca esperar, tomou medidas independentes e, sem apoio nem subsídios, tem hoje 157 Deficientes a frequentarem vários cursos.

### A Biblioteca da Associação

... «Um livro é um amigo sempre disposto a conversar contigo, a instruir-te, e a distrair-te, tornando-te, assim, mais sabedor, mais culto, isto é, mais adulto, mais homem» ...

### A Animação da Biblioteca

É durante a infância e na Juventude que se tem que incutir o gosto pela leitura e neste sentido a biblioteca completa a educação integral do jovem deficiente (ou não), porque só ela pode, capaz e eficientemente, satisfazer o desejo inato de saber, a avidez de conhecimentos. Quer a criança, o jovem e todas as gens, tudo e tudo descobrir. O mundo é um campo de conquistas; o livro o meio.

O jovem na biblioteca, além do indispensável pendor natural para lidar com todos, deve suprir as deficiências existentes.

### A ESCOLHA DO LIVRO

O jovem na biblioteca deve executar com o maior cuidado este trabalho, procurando empregar o melhor possível os meios de que dispõe, o que depende quase totalmente da sua cultura e critério.

— Os livros são para ser usados.

— A cada leitor o seu livro.

— Para cada livro seu leitor.

Toda e qualquer Biblioteca é um organismo em constante desenvolvimento; assim, deve crescer e actualizar-se.

### NA HORA DA REABILITAÇÃO

Uma das funções do trabalho da secção de reabilitação é velar pelos camaradas que foram, dentro das suas deficiências, abandonados não só pela parte médica como também pela parte social. Do abandono nasceu um conjunto de factores que, embora nós sempre com eles identificados, hoje pela experiência, estamos mais bem informados no respeitante às suas consequências.

O problema íntegro de cada deficiente pode e deve ser abordado

sistematicamente pela parte médica. Quantos camaradas ficaram deficientes para o resto da sua vida só por que não tiveram tratamento adequado e na devida altura? Muitos são os que foram vítimas desses erros técnicos, o que consideramos repugnante em pessoas que se dizem conscientes.

Dos deficientes visuais, poucos têm sido aqueles que têm deixado as precárias condições do Hospital Militar para irem a caminho da vizinha Espanha onde existe a clínica Barraquere, (elucida-se que a clínica Barraquere atingiu um grau de desenvolvimento cirúrgico ocular comprovado como um dos melhores do Mundo).

Sabemos que muitos desses camaradas, deficientes ao serviço das Forças Armadas, têm feito exposições para que nessa clínica espanhola fossem observados e se possível internados. Sabemos também que, por norma, muito poucos têm sido deferidos. Porquê? Porque razão se diz ao deficiente que além de ser evacuado das colónias não há mais nada a fazer para cura da sua deficiência?

No entanto esses deficientes estão munidos de relatórios de médicos civis os quais atestam que existe a possibilidade de voltarem a ver se submetidos a tratamento e ulterior transplantação da córnea.

Deste último exemplo, estamos nós com um caso em mãos, mas de mãos bem firmes e dispostas a ir ao fundo da questão para verificarmos até onde vai a eficiência do nosso pessoal técnico.

### PROCURA E OFERTA DE EMPREGO

A sociedade capitalista consome trabalho, muito trabalho, e discriminatório que é esse trabalho, pagando a baixo preço as energias dispendidas pelos trabalhadores.

Dominada por minorias privilegiadas, essa carunchosa sociedade, que continua a agarrar-se desesperadamente ao liberalismo económico, toma atitudes impiedosas para com os cidadãos que deviam ser livres, mas não o são porque não pertencem às ditas minorias.

Essa desumana teoria, que a coberto de boas intenções lança os homens uns contra os outros em choques terríveis, vai vendo chegado o seu fim à medida que uma consciência universal vai despondo.

Aparecemos, como Deficientes das Forças Armadas, em grande número, em 1961, organizámo-nos em 1974 para, entre muitos outros fins, nos integrarmos no mundo do trabalho e da produtividade. Sabíamos que impotente seria a nossa luta, se as estruturas capitalistas se mantivessem. Seria uma luta frustrada, como sempre, e sem realização humana. Continuaria a ser um trabalho esmolado. Esmolado, sobretudo, seria ele, no caso dos deficientes, considerados pelos donos da produção capitalista como seres inferiores e incapazes de ombrear com os outros. Não se considero este, um juízo subdesenvolvido de países pobres. Dele fazem uso os países capitalistas mais desenvolvidos.

Mas, no momento presente, os deficientes em Portugal necessitam

de trabalhar e nós, no sentido de ir resolvendo as situações, lá vamos também como que esmolando trabalho para eles.

MESES	NOV.	DEZ.	TOTAL
INSCRIC...	35	30	222
COLOCAÇ.	16	11	49
PERCENT.	46%	37%	23%

Não, isto não é solução. O problema deve ser solucionado de vez.

Já é tempo de instituir o direito ao trabalho para todos.

### JORNAL «ELO»

Dois meses passaram desde o nascimento do nosso Jornal, primeiro fruto de um conjunto de ideias, cuja realização nos trouxe experiências totalmente inovadoras

Longo e espinhoso tem sido este nosso caminho para que esta secção, a árvore por nós plantada, continue a crescer e a desabrochar para que prossiga a dar frutos cada vez mais são e ricos no seu conteúdo. Porém o seu crescimento e qualidade está condicionado pela colaboração que todos, e tu, leitor, principalmente, poderás dar-nos fornecendo sugestões, elaborando artigos, divulgando o Jornal, enfim colaborando nas medidas das tuas possibilidades a todos os níveis.

Cientes na participação que nos quererás prestar para um maior enriquecimento e valorização do nosso mais importante veículo de luta, o nosso jornal, aguardamos com ansiedade a tua participação e notícias.

### A TIPOGRAFIA — ESCOLA

Estamos na nossa tipografia. Procuramos uma cadeira e... quase que não havia nenhuma. Diz um camarada — Aqui ninguém precisa de cadeira.

Não é que os nossos camaradas da tipografia estejam sempre de pé, antes pelo contrário, estão sempre sentados, trabalham sentados, mas em cadeiras suas, que levam para casa e trazem todos os dias. A maior parte deles andam de facto de cadeira de rodas. Os alunos, que aqui recebem aulas teóricas e práticas, em número de quatro, andam também, três deles, de cadeira de rodas.

Esta actividade, fruto da actividade da Cruz Vermelha, por essas senhoras criada, com algumas máquinas oferecidas por particulares e um subsídio oficial, foi por nós desenvolvida a partir da data em que as instalações foram ocupadas pelos nossos camaradas que aqui trabalhavam. A tipografia funcionava, até essa altura, apenas como um passatempo para alguns deficientes, não vendo estes remunerado o seu trabalho e esforço que, por não ser bem orientado, também não era assim lá muito fecundo. Os vencimentos recebidos oscilavam entre 800\$00 e 2 800\$00. Agora, passados nove meses, os vencimentos são de 4 900\$00 a 5 500\$00, recebendo os alunos 2 000\$00 mensais.

Sem pretender obter lucros no fim do ano, pretendemos, contudo, obter um equilíbrio entre o resultado dos trabalhos e os vencimentos pagos.

Foram já adquiridas pela ADFA novas máquinas e estamos em vias de adquirir mais no valor de cerca

de três mil contos. Criar novos postos de trabalho para deficientes, com paralelo aumento da produtividade, é esse o nosso objectivo.

As instalações vão-se tornando exíguas, ao mesmo tempo que as encomendas de trabalho vão sendo cada vez em maior número.

Se temos em vista desenvolver esta actividade, onde somos já experientes, quer em Lisboa, quer no Porto, como é nossa intenção, outras há em que também nos queremos embrenhar, sobretudo naqueles que, tal como esta, oferecem condições para uma adaptação plena e com total rendimento dos nossos camaradas com maiores deficiências.

### DEFICIENTES DO ANEXO PROTESTAM

Continuação da pág. 6

que desde o início da guerra colonial sempre ali vigorou e que, acumulando-se dia após dia, atingiu a saturação no espírito daqueles homens explorados pelo fascismo.

A nossa Associação está com estes homens na sua luta reivindicativa e apela, para quem de direito, para uma urgente solução do problema.

Ficou decidido em reunião que se efectuaria hoje, dia 22 de Janeiro, pelas 14 horas e 30 minutos uma assembleia geral onde seriam eleitos os homens que formarão a Comissão de Bem Estar que pugne pela criação de condições que permitam uma vivência digna de seres humanos.

Hoje, dia 22, logo após a hora de almoço, os internados no Anexo voltaram a sair para a rua, em número mais elevado e em sinal de protesto por não terem sido tomadas medidas na Secção de alimentação, a qual, contra todas as previsões, voltava a apresentar uma refeição intragável.

A Direcção da Associação foi ao Anexo tendo dado início à Assembleia Geral.

Depois de ser votada a necessidade urgente de solucionar o problema foram eleitos os elementos que ficam a constituir a Comissão de Bem Estar naquele hospital.

Foi decidido que a Comissão iniciaria a partir desse momento as suas actividades e foram logo após recebidos pelo Director do Hospital.

O Director do Hospital reconheceu a Comissão de Bem Estar e deu-lhes plenos poderes para inspecionarem os serviços de alimentação, havendo semanalmente uma reunião onde serão apresentados os problemas daquele estabelecimento hospitalar.

Providenciou também o responsável pelo hospital para que se fornecesse uma refeição a todos os internados.

Fazemos votos para que estes camaradas, que mostraram ao Povo que estão prontos a ombrear com Ele na luta pela conquista dos seus direitos, amanhã, ao saírem do hospital, sejam uma força progressista ao serviço do Povo e contra as estruturas capitalistas que tão fortes se fizeram à custa do seu e nosso sangue numa guerra onde fomos levados pela arma fascista do obscurantismo.

PONT  
ZER



Quando um trabalhador, que numa sociedade de desenfreada concorrência capitalista luta com as conhecidas dificuldades nessa mesma sociedade fica deficiente, deixa de ter dificuldades de luta, é atropelado pela correria dos outros e simplesmente arrumado

A força que nasce do abandono a que o deficiente foi votado não deve por ele ser canalizado para uma solução de emergência mas antes para abolir as estruturas que impiedosamente o resolveram destruir.

## Deficientes do Anexo Protestam

O reflexo de toda uma política e de estruturas já ultrapassadas, e que apesar de todos os acontecimentos e modificações importantes apuradas nestes últimos nove meses, ainda não foram modificadas, nem sequer melhoradas, teve a sua explosão no pretérito dia 21, onde intervieram umas centenas de homens, que não tinham mais em comum do que estarem internados no mesmo estabelecimento hospitalar, no qual usufruíam uma assistência, alojamento e alimentação depauperáveis, como prémio quotidiano da sua participação obrigatória numa guerra injusta da qual lhe advieram as mais diversas deficiências.

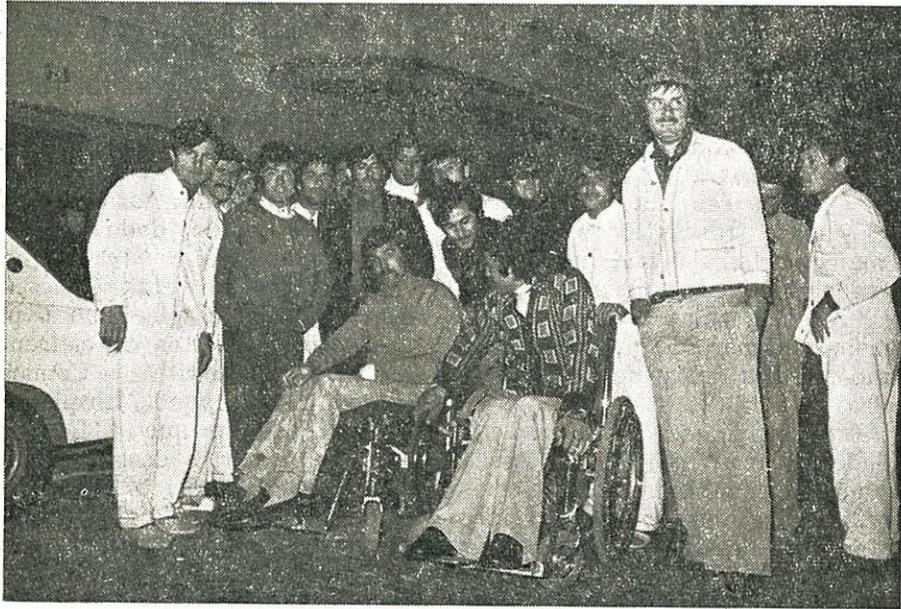
para o Palácio da Independência onde o problema seria debatido.

No Palácio da Independência foi servida uma refeição a 101 Deficientes das Forças Armadas e tomadas providências para assegurar a refeição aos acamados. A conta deste jantar será apresentada à Administração do H.M.P..

Da reunião do Palácio da Independência tiraram-se as seguintes conclusões:

A) A alimentação tem vindo a ser imprópria para seres humanos, quer na frescura dos géneros, quer na confecção.

B) O Capitão responsável pela alimentação no Anexo não se preocupa absolutamente nada para que



Uma panorâmica da Manifestação junto do Rádio Clube Português

A A.D.F.A. no cumprimento da sua missão interveio e elaborou um comunicado, que foi enviado a todos os órgãos de informação, e que tem o seguinte teor:

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas informa que ontem, dia 21 de Janeiro, os militares internados no H.M.P. Anexo de Campolide, consideraram a refeição com mau aspecto e mau cheiro e perante a resposta do médico de dia «Quem quer come quem não quer não come» decidiram sair para a rua dirigindo-se ao Rádio Clube Português.

Um membro da Direcção foi junto dos manifestantes e depois de dialogar com os seus camaradas foi por unanimidade decidido seguir

a alimentação seja fornecida a horas e em condições convenientes.

C) As dietas existem apenas no papel dos médicos que as receitam.

D) O 1.º Sargento Enf.º Cardoso, encarregado do serviço 2, tem atitudes de autêntico ditador, não possuindo o mínimo de formação moral para o trato com homens internados.

E) As instalações sanitárias estão em péssimo estado e a limpeza das enfermarias quase não existe.

F) A roupa da cama é mudada, quando é, de 8 em 8 dias, e apenas 1 lençol.

G) A atitude tomada ontem pelos deficientes hospitalizados é fruto de todo um sistema repressivo

Continua na pág. 5

# PARA A HISTÓRIA DA ADFA

Temos afirmado várias vezes que a história da nossa Associação se reporta a muito antes do 25 de Abril. Assim aconteceu de facto, tal como o prova o documento que a seguir transcrevemos, o qual revela nitidamente as intenções que presidiam aos Deficientes, que nessa altura na mesma atmosfera clandestina que rodeava os Oficiais do MFA, não se identificavam de maneira nenhuma com o Governo de então e pugnavam já para o derrube dos ditadores fascistas.

## Transcrição do Documento Elaborado em 1973

«12 anos se passaram já sobre o início da guerra. 12 longos anos que não passaram indeléveis e que forçosamente tinham que deixar o seu rasto (ou então não seria guerra) fazendo jus à opinião dos porta-vozes da Pátria, sem que pela Pátria fossem para tal fim desi-

gnados.

E a guerra começou: as inspecções deixaram de ter aquele rigor a que estávamos habituados. Mancebos que jamais seriam incorporados foram apurados para todo o serviço militar, aumentando assim o índice de probabilidade de adquirirem enfermidades ou agravamentos das já existentes.

— A instrução passou a ter uma objectividade anti-guerrilha, mais perigosa portanto que anteriormente.

— Houve necessidade de aperfeiçoamento de tropas e intensificar as de elite que já existiam.

— A Academia Militar retirou dos seus portões os ferrolhos da cunha, do sangue azul, dos ascendentes, dos escolhidos e abriu as suas portas a quantos quizessem ser gente grande, promovendo publicidade, criando facilidades e aliciando os menos dotados com a droga do comodismo do menor esforço intelectual.

— A Televisão foi enriquecida com programas inéditos de convites para os vários sectores das Forças Armadas.

A instrução passou a ter riscos que não tinha, daí o aumento de feridos no continente em número nunca visto.

As mobilizações sucederam-se em ritmo acelerado.

Criaram-se facilidades nos cursos para Oficiais Milicianos.

Os barcos já não trazem só

vivos.

O Hospital Militar (em todas as localidades) onde existe é pequeno para a grande avalanche de feridos d'aquem e d'além mar.

Estamos em guerra, uma guerra que segundo as palavras de quem a faz exige continuidade».

As palavras transcritas retiradas de um rascunho amarelecido pelo tempo revelam o espírito que presidia ao punhado de Deficientes das Forças Armadas que clandestinamente tinha as suas reuniões onde o sempre crescente aumento de homens que nos substituíam nas camas dos Hospitais nos obrigavam a meter a mão bem na ferida, pois, para além de tudo isto, havia, depois do sacrifício da juventude portuguesa pela carne, o total abandono (com principal incidência nos soldados) por parte dos governantes que após a destruição na carne entregavam os homens nas mãos das chamadas forças de rectaguarda (Movimento Nacional Feminino, Cruz Vermelha e Liga dos Combatentes) que se encarregavam da destruição psíquica do indivíduo.

Outras actividades houve que nos mantiveram ligados ao Movimento de Capitães. Oportunamente elucidaremos os nossos leitores com a transcrição de um documento por nós elaborado, a quando da saída dos Decretos que motivaram uma maior aderência de Oficiais do Q.P. ao Movimento de Capitães.

## LEVANTAMENTO

No número anterior desenvolvemos largamente as razões que levaram a ADFA a decidir realizar uma operação de levantamento da situação dos Deficientes das Forças Armadas em todo o território.

Os questionários encontram-se já definitivamente elaborados e feitos os pré-testes. Foi obtido o aval do Ministério da Defesa Nacional para a operação e em seguida será estabelecido o apoio dispensado pelo Estado Maior do Exército.

Este importante e decisivo passo traz-nos, como já referido no último número, dois aspectos de grande importância. Se a primeira possibilidade de conhecer as referências objectivas da situação dos Deficientes das Forças Armadas, nos vai proporcionar dados fundamentais para se proceder à recuperação dos milhares de deficientes deslocados na sociedade, o segundo, com um carácter mais geral e social, proporcionará aos desanima-

dos e desesperançados a oportunidade de ouvirem da boca dos seus camaradas a mensagem de confiança e incentivo para a participação numa sociedade para todos, com os mesmos direitos e os mesmos deveres para todos.

Esses nossos camaradas, muitos deles isolados em aldeias do interior, estarão talvez, a tal hora, a ser vítimas da sua desadaptação, sendo embaralhados por malabarismo de palavras revolucionárias saídas de falsos revolucionários, como aliás a maioria da população das Beiras e Trás-os-Montes.

Agarrados à esperança que ainda no fundo deles vive, transformam-se em presa fácil de partidos políticos que dizem serem representantes do MFA quando o oposto é que é o verdadeiro.

Os camaradas que até eles se deslocarão levar-lhes-ão a mensagem do MFA, a voz da Liberdade.